

Vozes e registros da subcultura *furry*¹

Paulo PESSÔA NETO²

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Paola CHAMPI³

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

A subcultura urbana *furry* brasileira, a partir de um olhar folkcomunicação, é contextualizada e apresentada por folkmidias impressas e digitais, como resistência contra a marginalização que a subcultura sofre no *mainstream*. A partir disso, o resumo expandido visa fazer um primeiro movimento para futuras análises que atravessam a subcultura *furry* brasileira. A metodologia aplicada fundamenta-se pelo o entremeio da análise discursiva e o relato de experiência, atravessando estudos feministas e queer, na produção da revista “Patinhas para o Alto!”, obra seriada coordenada pelos autores desta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

folkcomunicação; análise do discurso; subcultura *furry*; estudos queer; estudos feministas.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Do Alto Paleolítico aos dias atuais, os corpos antropozoomórficos⁴ seguem em constante ressignificação. Representações desse tipo protagonizaram fábulas, lendas, até chegarem aos produtos pop do século XX (Pinilla, 2023). Com a cultura *underground* nos anos 1960, as produções com animais antropozoomórficos são ressignificadas mais uma vez. Se antes estes personagens animais eram associados a materiais infantis na indústria cultural e do entretenimento, passam a ser vinculados a narrativas adultas. Para Pinilla (2023), isso ocorre com intenção de parodiar ou subverter a moralidade da cultura dominante da época. Nos anos 1980, surgem pensamentos e práticas transgressivas de corpos, gêneros e sexualidades que criticam a sociedade eurobrancofalicisheterocêntrica, como parte do movimento pós-pornô.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Processos folkcomunicação, narrativas midiáticas e interseccionalidades, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2026.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGJor-UEPG) como bolsista CNPq. E-mail: paulo.pterceiro@gmail.com

³ Doutoranda em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA - UNICAMP). E-mail: paola.susana.mendoza.champi@gmail.com

⁴ Pinilla (2023) defende que ao tratar-se das representações imagéticas de corpos representados na subcultura objeto empírico desta pesquisa, o melhor termo seria antropozoomorfismo, já que o corpo apresenta-se polimorfo, sendo impossível definir se ocorreu atribuições de características humanas à um animal ou aspectos bestiais à um ser humano.

Também nos anos 1960, nascem as convenções de fãs de ficção científica e de animação japonesa nos Estados Unidos. Nesses espaços, os futuros membros organizadores do primeiro evento para a subcultura *furry*⁵ se encontram. Este grupo não é um local de fãs, mas, muitas vezes, ele acaba sendo referido como “*furry fandom*” pelos seus próprios integrantes. Arčon (2020, p. 1) o define como “uma subcultura largamente baseada na Internet que gira em torno de arte antropozoomórfica”. Baseado nos conceitos de Gelain; Carlos (2020), para este trabalho, sugere-se a compreensão do coletivo como subcultura.

Segundo Arčon (2020), a subcultura é alvo de campanhas de desinformação desde os anos 1980. Isso se deu pelo acolhimento do grupo à comunidade LGBTQIAPN+, que é uma comunidade marginalizada. Sob a ótica da análise do discurso (A.D.), Champi (2025) compreende que os corpos e os sujeitos, por serem atravessados pela linguagem, são interpelados ideologicamente. Há uma construção de discursos que caracterizam a posição desses corpos e dos sujeitos na sociedade. Com isso, constroi-se as relações de poder e marginalização de corpos e corpos. O ódio difundido nos anos 1980 contra a comunidade LGBTQIAPN+, evidenciado pelo período da pandemia da AIDS, também é direcionado para o *furry fandom*.

Nos anos 1990, fugindo da repreensão da mídia *mainstream*, a subcultura urbana de animais antropomórficos começa a ocupar o digital, rompendo barreiras geográficas. Em 2001, surge o fórum online Furry Brasil. Diferentemente do *fandom furry* nos Estados Unidos, que surgiu do espaço físico e posteriormente alcança o digital, o *fandom furry* brasileiro tomou o caminho inverso. Assim sendo, cinco anos após o fórum online, ocorre o primeiro evento físico *furry* brasileiro.

Movidos pela influência *underground*, os membros da comunidade *furry* (*furries*) se apropriam de personagens antropozoomórficos da indústria cultural e subvertem seus significados originais pelas sátiras e ressignificações. É pelo jogo da linguagem que se deslocam efeitos e significados das corpos e corpos *furries*. Esta apropriação se faz presente na arte e performance *furry* em reproduções eróticas, pornográficas e sensuais. Para além da ressignificação e ato político, a sexualidade é uma faceta da criatividade e expressão dessa subcultura (Silverman, 2020, p. 23).

⁵ Gelain; Carlos (2020) argumentam que a subcultura estaria relacionada com grupos excluídos, muitas vezes rebelando-se contra uma cultura dominante, como é o caso do *fandom furry*. O nome da subcultura advém da palavra em inglês “*furry*” que é traduzido para o português como “peludo”. A nomenclatura foi atribuída à subcultura, pois a maioria dos personagens antropozoomorfizados expostos em suas obras de arte são mamíferos.

Nessa perspectiva, duas representatividades fogem do eurobrancofalocisheterocentrismo nas construções e performances: o corpo feminino e o corpo queer. Corpos femininos reconfiguram seus papéis sócio-históricos através das expressões culturais *furries*. A apropriação das práticas feministas vão proporcionar a consolidação do pós-pornô e da teoria queer. Silverman (2021, p. 28) defende que a subcultura *furry* possui caráter queer, devido ao alto número de membros que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+. Silverman (2021) acredita que o queer na subcultura *furry* permite o “*processes of queer*”⁶, sendo um processo de identificação através da construção de um avatar.

MARGINALIZAÇÃO E BUSCA POR COMUNICAÇÕES ALTERNATIVAS

Arçon (2020) apresenta notícias da mídia *mainstream* sobre o *furry fandom*, identificando a relação da subcultura com a desinformação. Os estereótipos e preconceitos para com o grupo, foram construções desinformativas atribuídas por conta do acolhimento à comunidade LGBTQIAPN+. As reuniões no final dos anos de 1980 coincidem com o início da pandemia da AIDS, que, com o aumento de casos, torna a subcultura alvo de desinformação. Ainda hoje, o *furry fandom* sofre ataques baseados nos preconceitos que vão se reproduzindo desde os anos 1980.

Para Arçon (2020), a diferença histórico-social entre Estados Unidos e Brasil, não impediu a reprodução do preconceito em solo brasileiro. Sendo assim, torna-se comum que pessoas excluídas socialmente no Brasil, encontrem acolhimento na subcultura *furry*. Posto o apresentado, julga-se necessário entender como o grupo exerce a sua comunicação marginalizada na sociedade brasileira. Baseando-se nos conceitos de Woitowicz e Fernandes (2017, p.236), compreende-se esta comunicação como “culturalmente marginalizada”, onde os comunicadores são marginalizados socialmente e culturalmente, adotando estratégias político-ativista e erótico-pornográfico em seus projetos comunicacionais.

Devido aos ataques, os *furries* criam projetos próprios de comunicação. Essas iniciativas surgem no mesmo entendimento de Dalcastagnè (2007, p. 18 - 19) sobre estratégias de narrativas de auto-representação, onde as comunicações possuem uma

⁶ Em termos de observar como esses corpos se apresentam, para Linares (2013, p. 146), a teoria queer permite observar as normatizações e performances acerca de identidade social para a subcultura *furry*, atravessando problematizações de representatividade e discursos de gênero.

intenção de validação de suas próprias representações, contrapondo os estereótipos definidos pela *mainstream* e legitimando sua autoconstrução como subcultura. Primeiro se faz por correspondência nos anos de 1960 e, posteriormente, unificam-se os pensamentos e discussões sobre a subcultura nos chamados *conbooks*⁷, já nos anos de 1980. Esta produção imita uma linguagem de *fanzine* (“revista dos fanáticos” em tradução livre), herança *underground* que era distribuída exclusivamente nos eventos presenciais e, hoje, após a popularização da internet, também é divulgada online.

O FURRY E SUAS FOLKMÍDIAS MARGINAIS

No Brasil, os projetos comunicacionais dos furies também são excluídos de mídias e veículos de maior dimensão, recorrendo-se a formas alternativas e tradicionais de expressão, característica comum nas folk mídias, como indica Beltrão (2007b, p. 29). Membros da subcultura se organizaram na confecção de um primeiro material nacional, a zine “Fauna Urbana”. Há três edições publicadas entre 2004 e 2005, quando é descontinuada devido a baixa adesão de colaboradores. Há entre 2005 e 2016, tentativas de produções comunicacionais em diferentes formatos. Mas é em 2016 que surge a produção mais longínqua contemporânea, a revista eletrônica “ZNC” do Canal “ZiperNasCostas” na plataforma YouTube. Em 2024, os autores deste trabalho, que são membros da subcultura, revisitaram o projeto da Fauna Urbana em pesquisa inicial para produção audiovisual e decidiram coordenar a confecção de uma revista independente como um canal de comunicação da subcultura, para que os membros pudessem falar deles mesmos de forma sincera e fugindo dos ataques e estereótipos da grande mídia.

Seguindo os conceitos de Beltrão (2007a; 2007b), Dalcastagnè (2007) e Woitowicz e Fernandes (2017), os autores assumem o papel de líderes de opinião (Beltrão, p. 31, 2006), decodificando produções da grande mídia e transmitindo para a subcultura através das “*furnotícias*” (junção de “*furry*” com “notícias”). O processo auxilia os membros a se sentirem em um espaço seguro de consumo de informação de interesse. Consolidada as *furnotícias* entre 2020 e 2025, os autores começam a produção bimestral da revista “Patinhas para o Alto!” de forma independente e colaborativa em 2025. Assim como as características de uma comunicação marginalizada defendida por

⁷ Do inglês “*con*”, referente a “*conference*”, traduzido para conferência, em junção com “*book*”, livro em inglês. *Conbook*, portanto, é um “livro da conferência”.

Beltrão (2007a, p. 41 - 42), a revista é produzida de forma artesanal, por ser a linguagem e meios que os autores têm acesso, e distribuída de forma horizontal, já que é compartilhada entre os próprios furrries, a propaganda se faz em eventos próprios e comunicações interpessoais, além de divulgação digital em canais familiares à subcultura.

Atualmente com 4 edições lançadas desde julho de 2025, a revista se orienta por temáticas que transpassam a subcultura *furry*. A saber: “*Furry & Queer*”; “Setembro Amarelo Sempre”; “Natal Animal”; “2026: O Ano do Cavalo”. De distribuição nacional, uma primeira leva física é impressa para circulação, sendo o lucro da venda desses exemplares direcionados para manutenção da produção. Dentre os direcionamentos financeiros recentes, documenta-se a realização do registro do ISSN, registro dos direitos autorais da mascote Glorinha (uma lontra antropozoomórfica em homenagem à jornalista brasileira Gloria Maria) e compra de domínio online para site próprio. Após período de circulação da edição física, uma cópia virtual é hospedada no site em processo de democratização do conteúdo e divulgação da subcultura.

Este resumo é o primeiro movimento de apresentação da singular subcultura *furry* brasileira, justificando a necessidade dos estudos folkcomunicacionais de seus produtos de folkmídia e registro do trabalho realizado por esses autores. Um segundo movimento será a construção de um relato de experiência⁸ do processo de produção da revista Patinhas para o Alto! a ser apresentado em GT no Congresso Nacional da Intercom, trazendo as preocupações com o registro da subcultura, as interseccionalidades nas produções publicadas e análise folkcomunicacional das narrativas marginalizadas nos textos⁹ da revista.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jeferson; TORRES, Cicero Magérbio Gomes; ALVES Francione Charapa; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Revista do Pemo**, Fortaleza, v.6, [S.I.], 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v6.e12517>
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo> Acesso: 20 abr. 2026.

⁸ O caráter qualitativo do relato de experiência permite observar as pessoas para além de um mero agrupamento coletivo, pois é de interesse dessa metodologia a compreensão social através das observações minuciosas, descrições e análises. Trata-se de um movimento fenômeno observável, que exige, portanto, uma relação proximal entre o objeto e o sujeito de pesquisa. (Antunes, Torres, Alves e de Queiros, 2024, p.6).

⁹ De acordo com Champi (2025), os textos podem ser compreendidos como efeitos ideológicos, desta forma indicam que estão sujeitos a interpretação em suas múltiplas plasticidades (escrita, pintura, escultura, etc).

ARÇON, Artur Quaglio. Olhar exploratório sobre a subcultura furry no Brasil. **Iniciacom: Revista Brasileira de Iniciação Científica em Comunicação Social**, v. 9, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/3308> Acesso em: 19 mar. 2025.

BELTRÃO, Luiz. A comunicação dos marginalizados. *In*: RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação - a mídia dos excluídos.** / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: - Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007a. (Cadernos da Comunicação. Estudos; v. 17).

BELTRÃO, Luiz. Folkcomunicação: Conceitos e Definições. *In*: RIO DE JANEIRO (Cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Folkcomunicação - a mídia dos excluídos.** / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: - Rio de Janeiro: A Secretaria, 2007b. (Cadernos da Comunicação. Estudos; v. 17).

CHAMPI, Paola Susana Mendoza. **Corpas algorítmicas: sujeita e discurso.** 2025. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, SP, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2025.1503334>. Acesso em: 27 mar. 2025.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje.** Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/4110> Acesso: 20 abr. 2026.

GELAIN, Gabriela Cleveston; CARLOS, Giovana Santana. Subcultura ou *fandom*? Apontamentos introdutórios para início de pesquisa. **Revista Temática**, v. 16, n. 8, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/54427> Acesso em: 19 mar. 2025.

JANZ WOITOWICZ, Karina; MOREIRA FERNANDES, Guilherme. Folkcomunicação e Estudos de Gênero: práticas de comunicação nos grupos homossexuais. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación.** n. 135, p. 233 - 252, ago. - nov. 2017. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/items/6fe4fbf0-af75-45ad-969e-835d2102cff8> Acesso em: 20 abr. 2026.

LINARES, Francisco Javier Gallardo. *Construcción de la identidad furry.* **Intersticios: Revista Sociológica de Pensamiento Crítico.** v. 7, n. 1, p. 141 - 154, 2013. Disponível em: <https://intersticios.es/article/view/10524> Acesso em: 19 mar. 2025.

PINILLA, Paula Rodríguez. *Fábulas del veintitrés: relatos de humanos bestializados, identidades animales y su representación artística.* 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bellas Artes) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2023. Disponível em: <https://docta.ucm.es/entities/publication/3d32af12-6bd9-458b-abad-7aea84fad344> Acesso em: 22 mar. 2025.

SILVERMAN, Ben. *Fursonas: Furrries, Community, and Identity Online.* 2020. Dissertação (Mestre em Estudos Comparativos de Mídia) - Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2020. Disponível em: <https://cms.mit.edu/wp/wp-content/uploads/2021/01/477814762-Ben-Silverman-Fursonas-Furrries-Community-and-Identity-Online.pdf> Acesso em: 22 mar. 2025.